

# O Livro de Daniel - Número cento e nove

## *Desvendando a aplicação tripla da profecia: o significado profético do capítulo nove do Apocalipse e do movimento de reforma moderno*

Jeff Pippenger  
2024-03-01

A primeira metade do capítulo nove de Apocalipse identifica a quinta trombeta, que é o primeiro ai, e a segunda metade do capítulo identifica a sexta trombeta, que é o segundo ai. Ambas as trombetas são ilustradas graficamente nos gráficos pioneiros de 1843 e 1850. Quando os últimos seis versículos de Daniel onze foram deslacrados no tempo do fim, em 1989, com o colapso da União Soviética, começou o movimento reformador dos cento e quarenta e quatro mil.

Entre as verdades reconhecidas em 1989 estavam os grandes movimentos reformadores da história bíblica e o fato de que todos eles corriam paralelamente entre si. Todos os profetas e, portanto, toda história sagrada, incluindo os sagrados movimentos reformadores, ilustram o grande movimento reformador final dos cento e quarenta e quatro mil, que é também o poderoso movimento do terceiro anjo. Quando o processo de selamento começa, também começa a aspersão da chuva serôdia. O desvendamento dos movimentos reformadores em 1989, seguido pelo desvendamento dos últimos seis versículos de Daniel onze em 1992, produziu um ambiente de resistência, como sempre ocorre quando uma verdade nova e presente é desvendada.

Na resistência à verdade dos últimos seis versículos de Daniel onze, o Senhor revelou a verdade de que a história profética da Roma pagã, combinada com a história profética da Roma papal, conforme estabelecida com base em duas testemunhas, identifica a história profética da Roma moderna. Reconheceu-se a regra da aplicação tríplice da profecia e, a partir de então, foi empregada para defender contra o erro e identificar e estabelecer a verdade. As regras que sustentam que toda linha de reforma corre paralelamente às outras linhas de reforma, e as regras associadas à aplicação tríplice da profecia, tornaram-se o alicerce das regras que foram estabelecidas no movimento do terceiro anjo, como havia sido tipificado pelas regras estabelecidas, empregadas e publicadas na história milerita.

A tríplice aplicação da profecia, como regra, foi desselada para o movimento dos cento e quarenta e quatro mil, pois eles são o movimento da chuva serôdia, e o Islã do terceiro ai é a mensagem da chuva serôdia. O princípio da tríplice aplicação da profecia foi identificado pelo Leão da tribo de Judá, muito antes de o Islã do terceiro ai entrar na história em 11 de setembro de 2001, pois Ele desejava que Seu povo dos últimos dias reconhecesse facilmente a mensagem representada pela chegada do terceiro ai quando Ele reconduzisse Seu povo às veredas antigas de Jeremias.

A compreensão pioneira da quinta e da sexta trombetas, conforme exposta no capítulo nove de Apocalipse, era tida como a passagem do livro do Apocalipse mais firmemente e claramente sustentada pela história. Uriah Smith inicia sua apresentação do capítulo nove de Apocalipse empregando as palavras do historiador Keith para sustentar exatamente esse ponto.

"Para uma exposição desta trombeta, recorreremos novamente aos escritos do Sr. Keith. Este escritor diz com razão: 'Raras vezes há um acordo tão uniforme entre os intérpretes acerca de qualquer outra parte do Apocalipse quanto no que diz respeito à aplicação da quinta e da sexta trombeta, ou do primeiro e do segundo ais, aos sarracenos e aos turcos. É tão evidente que dificilmente pode ser mal-interpretado. Em vez de um ou dois versículos designarem cada um, todo o capítulo nove do Apocalipse, em partes iguais, é dedicado à descrição de ambos.'" Uriah Smith, Daniel and Revelation, 495.

A divisão em capítulos do primeiro e do segundo ai separa a história do primeiro ai, representado por Maomé. Este está geograficamente situado entre aqueles que o historiador Alexander Keith chama de sarracenos, o que hoje chamaríamos de Arábia. A história do segundo ai, representado por Osmã I, está geograficamente situada na Turquia, que o historiador identifica com os turcos. A história do primeiro ai localizou-se e cumpriu-se na Arábia, berço do Islã e de Maomé. A história do segundo ai localizou-se e cumpriu-se na Turquia, berço do Império Otomano.

A história do primeiro ai identifica uma guerra que foi dirigida contra Roma por guerreiros independentes cujo único vínculo mútuo entre si era a religião do Islã. A história do segundo ai identifica uma guerra que foi dirigida contra Roma por uma religião e um poder estatal organizados, denominado Califado. Em ambos os casos, tanto a guerra independente contra Roma na história representada por Maomé, quanto a guerra organizada representada por Ottman, ou pelo Império Otomano, o modo de guerra consistia em atacar de forma súbita e inesperada. Não era uma guerra travada vestindo todos os soldados com uniformes da mesma cor, depois organizando os soldados em uma linha e fazendo-os avançar sob fogo, como era o costume militar daquela época. A palavra "assassino" baseia-se no modo islâmico de guerra de golpear de forma súbita e inesperada, geralmente resultando também na morte do próprio atacante.

A palavra "assassin" deriva da palavra árabe "hashshashin", que vem de "hashish", significando "haxixe" ou "canábis". O termo era originalmente usado para se referir a um grupo secreto e fanático de muçulmanos ismaelitas nizáris no Oriente Médio durante o período medieval. Os membros desse grupo eram conhecidos por seus métodos não convencionais e frequentemente violentos, incluindo o uso de assassinatos políticos para alcançar seus objetivos. Diz-se que às vezes consumiam haxixe para se preparar para suas missões, o que levou ao uso do termo "hashshashin" ou "assassinos" no mundo ocidental. Os Assassinos atuaram durante o período medieval, principalmente na Pérsia e na Síria, e desempenharam um papel significativo em vários conflitos políticos e assassinatos daquela época. O termo "assassin" acabou entrando nas línguas europeias, onde passou a se referir mais amplamente a indivíduos que realizam assassinatos políticos ou seletivos.

Esse modo de fazer guerra é uma importante característica profética dos três ais, pois o papel profético do Islã é produzir guerra. O Islã, como símbolo, é inteiramente sobre a guerra e, em Apocalipse, capítulo nove, o Islã do primeiro e do segundo ai é uma ilustração de sua maneira de guerrear. Sua guerra é identificada no livro do Apocalipse como a ação que enfurece as nações, pouco antes de a provação se encerrar.

E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para serem julgados, e de dares o galardão aos teus servos, os profetas, e aos santos, e aos que temem o teu nome, pequenos e grandes; e de destruíres os que destroem a terra. Apocalipse 11:18.

As "nações" são levadas à "ira", pouco antes de vir a ira de Deus, e a ira de Deus, conforme descrita no livro do Apocalipse, consiste nas sete últimas pragas que vêm quando se encerra o tempo de graça humano. Há três marcos no versículo: o enfurecimento das nações, a ira de Deus e o tempo de julgar os mortos. O juízo dos mortos aqui mencionado é o juízo dos mortos ímpios que ocorre durante o milênio de mil anos, e não o juízo investigativo dos mortos que começou em 22 de outubro de 1844. A Irmã White é clara ao afirmar que os três marcos deste versículo são distintos e ocorrem na ordem apresentada no versículo.

Vi que a ira das nações, a ira de Deus e o tempo de julgar os mortos eram separados e distintos, uma ocorrendo após a outra; também que Miguel ainda não se levantara e que o tempo de angústia, como nunca houve, ainda não começara. As nações agora estão ficando iradas, mas, quando o nosso Sumo Sacerdote concluir Sua obra no santuário, Ele se levantará, vestirá as vestes de vingança e então as sete últimas pragas serão derramadas.

"Vi que os quatro anjos reteriam os quatro ventos até que a obra de Jesus fosse concluída no santuário, e então virão as sete últimas pragas." Primeiros Escritos, 36.

O papel do Islã no último livro da Bíblia é enfurecer as nações, e isso é feito por meio da guerra. O papel do Islã no primeiro livro da Bíblia é fazer com que todos os homens do mundo se unam contra o Islã, representado por Ismael.

E o anjo do Senhor lhe disse: Eis que estás grávida e darás à luz um filho, e lhe chamarás Ismael; porque o Senhor ouviu a tua aflição. E ele será um homem selvagem; a sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele; e habitará diante de todos os seus irmãos. Gênesis 16:11, 12.

A palavra "mão", como símbolo, é como todos os símbolos bíblicos e pode ter mais de um significado, dependendo do contexto em que é usada. Na maioria das vezes, a "mão", como símbolo na profecia bíblica, é um símbolo de guerra. A palavra hebraica traduzida como "homem selvagem" é a mesma usada para o asno árabe selvagem, que possui várias implicações proféticas importantes, uma das quais é que o asno árabe é membro da família dos equídeos, assim como o cavalo. No capítulo nove do Apocalipse, e em ambos os quadros sagrados de Habacuque (os quadros pioneiros de 1843 e 1850), o cavalo é usado como símbolo da guerra representada pelo Islã dos três ais. A primeira e a última menção do Islã, conforme representadas no livro de Gênesis e no livro do Apocalipse, identificam o Islã com o símbolo da família dos equídeos (asno ou cavalo), e ambas enfatizam que o papel do Islã é trazer guerra a "todo homem" (as nações).

No livro do Apocalipse, capítulo NOVE, versículo ONZE, o caráter do Islã é identificado, pois, profeticamente, o caráter é representado por um nome. O nome dado ao rei que governa sobre o Islã reflete aquela primeira referência ao Islã no livro de Gênesis, onde está escrito que o caráter ou espírito de Ismael "habitará na presença de todos os seus irmãos". O rei que governa sobre todo o Islã é o espírito de Ismael (o seu rei), cuja mão é "contra todos os homens".

E tinham sobre eles um rei, que é o anjo do abismo, cujo nome, na língua hebraica, é Abaddon, mas, na língua grega, tem por nome Apollyon. Apocalipse 9:11.

No Antigo Testamento, representado pelo hebraico, ou no Novo Testamento, representado pelo grego, a figura que reina sobre os adeptos da religião do Islã é identificada como Abadom ou Apolion, nomes que, em ambos os casos, significam "morte e destruição". Morte e destruição são o caráter do Islã, esteja ele representado no Antigo ou no Novo Testamento. Tanto as características específicas do espírito que governa em cada adepto do Islã quanto o símbolo do jumento ou do cavalo são elementos das primeiras e das últimas referências ao Islã. Esses dois atributos proféticos possuem a assinatura de Alfa e Ômega. Quando a Irmã White identifica a mensagem que traz os cento e quarenta e quatro mil à vida como o poderoso exército do terceiro anjo, ela afirma o seguinte:

“Os anjos estão retendo os quatro ventos, representados como um cavalo enfurecido que procura soltar-se e precipitar-se sobre a face de toda a terra, levando destruição e morte em seu caminho.

“Dormiremos nós à própria beira do mundo eterno? Estaremos nós entorpecidos, frios e mortos? Oh, que pudéssemos ter em nossas igrejas o Espírito e o sopro de Deus infundidos em Seu povo, para que se pusessem em pé e vivessem. Precisamos ver que o caminho é estreito, e apertada a porta. Mas, ao passarmos pela porta apertada, a sua amplidão é sem limite.”  
Manuscript Releases, volume 20, 217.

Os quatro ventos estão retidos durante o selamento dos cento e quarenta e quatro mil, e os quatro ventos são um “cavalo irado” que traz “morte e destruição em seu caminho”. Em 11 de setembro de 2001, o terceiro ai entrou na história profética trazendo “morte e destruição”, assim “enfurecendo as nações”, quando atingiu a terra gloriosa espiritual “de forma súbita e inesperada”. Em 7 de outubro de 2023, o terceiro ai continuou em seu caminho de “morte e destruição”, assim “enfurecendo ainda mais as nações”, quando atacou a terra gloriosa literal “de forma súbita e inesperada”. O primeiro ataque inesperado marcou o início do período do selamento dos cento e quarenta e quatro mil, e o recente ataque em 7 de outubro de 2023 marca o início do período final ou “encerramento” do selamento dos cento e quarenta e quatro mil. Dormiremos à própria beira do mundo eterno?

Em ambos os quadros pioneiros sagrados, o Islã do primeiro e do segundo “ai” é ilustrado graficamente por guerreiros islâmicos montados em seus cavalos de guerra. O cavaleiro sobre o cavalo de guerra do primeiro “ai”, em ambas as ilustrações, está empunhando uma lança, e o cavaleiro do cavalo que representa o segundo “ai” está disparando um rifle. A distinção é claramente identificada em Apocalipse, capítulo nove, pois foi na história do segundo “ai” que a pólvora foi inventada e usada pela primeira vez na guerra. Comentando os versículos dezessete a dezenove do capítulo nove de Apocalipse, Uriah Smith registra o seguinte:

A primeira parte desta descrição pode fazer referência à aparência desses cavaleiros. Fogo, representando uma cor, equivale ao vermelho, sendo “vermelho como fogo” uma expressão frequente; jacinto, ou hiacinto, ao azul; e enxofre, ao amarelo. E essas cores predominavam

grandemente na vestimenta desses guerreiros; de modo que a descrição, segundo esse ponto de vista, corresponderia com exatidão ao uniforme turco, que era composto em grande parte de vermelho, ou escarlate, azul e amarelo. As cabeças dos cavalos eram, em aparência, como as cabeças de leões, para denotar sua força, coragem e ferocidade; ao passo que a última parte do versículo indubitavelmente faz referência ao uso da pólvora e de armas de fogo para fins de guerra, as quais haviam sido então recentemente introduzidas. Como os turcos disparavam suas armas de fogo a cavalo, pareceria ao observador distante que o fogo, a fumaça e o enxofre saíam das bocas dos cavalos, como ilustrado pela estampa que acompanha.

No que respeita ao uso de armas de fogo pelos turcos em sua campanha contra Constantinopla, Elliott (*Horae Apocalypticæ*, vol. I, pp. 482–484) fala assim:— 'Foi ao "fogo, à fumaça e ao enxofre", à artilharia e às armas de fogo de Maomé, que se deveu a matança da terça parte dos homens, isto é, a tomada de Constantinopla e, por conseguinte, a destruição do Império Grego. Já haviam decorrido mil e cem anos e mais desde a sua fundação por Constantino. Nesse ínterim, Godos, Hunos, Ávaros, Persas, Búlgaros, Sarracenos, Russos e, de fato, os próprios Turcos Otomanos haviam desferido assaltos hostis ou lhe haviam posto cerco. Mas as fortificações lhes eram inexpugnáveis. Constantinopla sobreviveu e, com ela, o Império Grego. Daí a ansiedade do sultão Maomé em encontrar aquilo que removesse o obstáculo. "Podes fundir um canhão", foi a sua pergunta ao fundidor de canhões que desertara para ele, "de tamanho suficiente para derrubar a muralha de Constantinopla?" Então a fundição foi estabelecida em Adrianópolis, o canhão foi fundido, a artilharia preparada, e o cerco começou.'

Vale bem a pena observar como Gibbon, sempre o comentarista inconsciente da profecia apocalíptica, coloca esse novo meio de guerra em primeiro plano de seu quadro, em sua eloquente e impressionante narrativa da catástrofe final do Império Grego. Em preparação para isso, ele apresenta a história da recente invenção da pólvora, 'essa mistura de salitre, enxofre e carvão;' fala de seu uso anterior pelo sultão Amurath e também, como antes dito, da fundição de canhões maiores de Maomé em Adrianópolis; depois, no decurso do próprio cerco, descreve como 'as descargas de lanças e flechas foram acompanhadas pela fumaça, pelo som e pelo fogo da mosquetaria e dos canhões;' como 'a longa linha da artilharia turca foi apontada contra as muralhas, catorze baterias trovejando ao mesmo tempo sobre os lugares mais acessíveis;' como 'as fortificações que haviam resistido por séculos à violência inimiga foram desmanteladas por todos os lados pela artilharia otomana, abriram-se muitas brechas e, perto da Porta de São Romano, quatro torres foram arrasadas até o chão:' como, enquanto 'das linhas, das galés e da ponte, a artilharia otomana trovejava por todos os lados, o acampamento e a cidade, os gregos e os turcos, ficaram envolvidos numa nuvem de fumaça, que só poderia ser dissipada pela libertação final ou pela destruição do Império Romano:' como 'as muralhas duplas foram reduzidas pela artilharia a um monte de ruínas:' e como os turcos, por fim, 'subindo pelas brechas', 'Constantinopla foi subjugada, seu império subvertido e sua religião calcada ao pó pelos conquistadores muçulmanos.' Digo que é muito digno de nota como, de maneira marcante e impressionante, Gibbon atribui a tomada da cidade, e assim a destruição do império, à artilharia otomana. Pois o que é isso senão um comentário às palavras de nossa profecia? 'Por estes três foi morta a terça parte dos homens: pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre, que saíam de suas bocas.'

"VERSÍCULO 18. Por estes três foi morta a terça parte dos homens, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre, que saíam de suas bocas. 19. Porque o seu poder está na boca e nas caudas; pois as suas caudas eram como serpentes, e tinham cabeças, e com elas ferem."

"Esses versículos expressam o efeito mortal do novo modo de guerra introduzido. Foi por meio desses agentes — pólvora, armas de fogo e canhões — que Constantinopla foi finalmente vencida e entregue nas mãos dos turcos." Uriah Smith, Daniel e Apocalipse, 510-514.

Continuaremos o estudo do terceiro ai no próximo artigo.

Despertei do sono na noite passada com um grande peso em minha mente. Eu estava transmitindo uma mensagem aos nossos irmãos e irmãs, e era uma mensagem de advertência e instrução a respeito da atuação de alguns que estão defendendo teorias errôneas quanto à recepção do Espírito Santo e à sua operação por meio de agentes humanos.

Recebi instrução de que um fanatismo semelhante ao que fomos chamados a enfrentar após a passagem do tempo em 1844 voltaria a surgir entre nós nos dias finais da mensagem, e que devemos enfrentar esse mal com a mesma determinação agora com que o enfrentamos em nossas primeiras experiências.

Estamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. As profecias estão se cumprindo. Uma história estranha e repleta de acontecimentos está sendo registrada nos livros do céu — acontecimentos que, conforme foi declarado, em breve precederem o grande dia de Deus. Tudo no mundo está em estado de instabilidade. As nações estão iradas, e grandes preparativos para a guerra estão sendo feitos. Nação conspira contra nação, e reino contra reino. O grande dia de Deus apressa-se grandemente. Mas, embora as nações estejam arregimentando suas forças para a guerra e o derramamento de sangue, ainda está em vigor a ordem aos anjos de que retenham os quatro ventos até que os servos de Deus sejam selados em suas testas. Mensagens Escolhidas, livro 1, 221.